



Do infinito universo de Marco Lucchesi

Judite Maria Zamith-Cruz¹

Mundos concatenados: realidade, ciência e literatura

A ficção permite que vivamos num mundo deveras alterado, em que se encontra um *ailleurs* (“em outro lugar”) e a alteridade (o *outro* diferente de *mim*).

No século XXI, Marco Lucchesi trouxe-nos ao rumo incerto de exploradores e viajantes, outros atores e históricos conhecedores.

O mundo também passou a ser contingente. Encontra-se outro tempo, nem controlado, propício e “oportuno” (no grego, *kairós*, oposto a *cronos*).

¹ Judite Maria Zamith Cruz é Professora Auxiliar, aposentada da Universidade do Minho – Portugal, onde trabalhou no Instituto de Educação, Departamento de Psicologia da Educação e Educação Especial, realizando investigação nos domínios da sobredotação, desenvolvimento, com formação em modelos clínicos experienciais, cognitivo-emocionais, na filosofia da mente e nas mais recentes neurociências.

Viveremos invariantes lutas agonísticas, ainda que a janela de observação seja progressivamente ampliada por cérebros, valores e sociedades. Experienciamos já o que do *mal* passe por interações na relação a contextos “descontrolados”.

Encontram-se a precisar de ajuda muitas vidas. “Uma vida não vale uma outra”. Essa era a expressão do existencialista Alberto Morávia², em quem aprendi a contrastar ação e pensamento, na formação em psicologia narrativa.

As órbitas ficcionais multiplicam os géneros que se mesclam com a vida.

Se na poesia é possível o isolamento, o romance encara pessoas e ocupa-se de pessoas-personagens.

O belo e o simbólico paracosmos

Começarei por reconhecer como um nome não seja somente uma condição de ser, dada a estranheza que tive ao ler o primeiro livro de Marco Lucchesi³. No caso, era o talento ou *dom* adquirido duma personagem-pessoa, *Ulisses*. O nome, o mito, Homero, a história do Brasil, encontrava-se num “espectro” de *O dom do crime*... As armadilhas da aparência eram a base de apoio invisível do “ser do ente”. Pensei na epopeia de Ulisses e na expressão de Parménides (“Aí se encontram as portas”), quando nos ofuscam pensadores “pré-socráticos” a desvendarem o não vislumbrado.

E fui procurar saber se alguém se chamaria Ulisses, no Brasil, cerca de 1900. Deparei ser aquele advogado o Conde Ulisses Viana, o narrador do crime.

Mas aquele *desagradável* senhor do livro não dominaria mais do que “uns poucos versos de Giacomo Leopardi”, na transição do século XIX? *Ulisses*, acentuaria... talvez, “infinito...”, do poema de Leopardi (1798 — 1837). Outro surpreendente fenómeno foi ter passado por um “morto-vivo”, quando haveria demasiados fantasma e mitologias.

Quanto aos outros mundos ideais, tomei em atenção os “esqueletos vivos”⁴, que são as belas criações, as obras eternas. No estranhamento, Marco Lucchesi fomenta o “inquietadoramente estranho” (*uncanny*), bem como o pensamento crítico e fá-lo-á com ironia.

Assim colocado, o belo, uma das mais complexas categorias filosóficas, implica pois sensibilidade a pistas do mundo literário, social e emocional, mas também cognição e educação. No escritor, acresce o seu modo de desenrolar uma profusão de teorias, mapas e *histórias do que não se vê*. Os significados linguísticos mudam-nos e mudam as realidades percetivas. Os seus leitores continuarão a desenvolver um manancial de pontos de vista, sejam estéticos, sejam metafísicos.

² Morávia, Alberto e Elkann Alain. *Vida de Morávia*. Lisboa: Livros do Brasil, 1992, p. 126.

³ Marco Lucchesi. *O dom do crime*. Santo André (SP): Rua do Sabão, 2020.

⁴ Marco Lucchesi. *Adeus, Pirandello*, Santo André (SP): Rua do Sabão, 2020, p. 26.

Na filosofia, no teatro ou na ciência novas fronteiras abalroadas, assim viveremos no “mundo autónomo das ideias”⁵, ainda que sem o coração em “paz”⁶, quando possuímos tensões antagónicas e crenças arreigadas.

No “infantil *paracosmos*”⁷, tão “irreal” quanto o surrealismo, ainda se arrasta uma “marca” má. Na filosofia foram etiquetadas imagens mentais de “fantasmagorias” e, da psicologia ao senso comum, multiplicaram-se “loucuras”. O poder da imaginação nem sempre foi aceite e, no ângulo do que não se vê, não se vê o abstraído belo, como não se veem aplicados os argumentos para o “bem-estar” de muitos. Lá longe, o mais negro caos⁸ da humanidade povoa mundos reais. Mundos virtuais, literários e científicos, transcendemos e pode parecer que educar seja a derradeira solução no incerto advir.

Ao longo dos anos, interroguei-me e desenvolvi modelos na defesa duma “autonomia de ideias”⁹, mas ateia-as a interações e à exigência de comunicação. Tendo-me interessado pelo que pouco conheço, da metafísica à cosmologia, também comecei por apreciar em Marco Lucchesi a exigência da história não ser esquecida¹⁰ e ganhar em ser contextualizada.

Antes de ler *Adeus Pirandello*, era-me desconhecido o valor conferido pelo autor a “notas”¹¹ e “erratas” perdidas. Foi quando encontrei novas “pistas”¹² sobre a sua metodologia científica, ampliadas anotações mínimas no formato e, enganando-me ou errando. Os limites são instáveis para o que digamos, pelo valor implícito das palavras, na expressão literária e na conotação pessoal.

⁵ *Adeus, Pirandello*, p. 120.

⁶ *Idem*, p. 143.

⁷ Um *paracosmos* é um mundo imaginário detalhado na mente. A fantasia pode envolver humanos, animais e coisas reais ou incorporar entidades imaginárias, *aliens* e seres doutros mundos, numa geografia, história e estranha linguagem, sendo que a experiência de um *paracosmos*, desenvolvida na infância, possa durar meses ou anos.

⁸ *Adeus, Pirandello*, p. 76, p. 89.

⁹ *Idem*, p. 120.

¹⁰ *Ibidem*, p. 39, p. 81.

¹¹ *Adeus, Pirandello*, sobre dúvidas na decidida morte de Mário Guerra (p. 48, p. 88, p. 102); na exigência de sabermos “escutar” (p. 49, p. 69) e ler “erratas” (p. 49); na posse que estejamos duma “lanterna” para analisar os factos sociais (p. 77); na capacidade de decisão (p. 88); e não sabendo tudo (p. 102); podermos ficar “sem palavras” (p. 107); viver no “mundo autónomo das ideias” (p. 120); viver com o coração em “paz” (p. 143); antes da nota dos factos exatos (p. 153).

¹² *Ibidem*, p. 156.

Já no domínio do teatro à narrativa, o autor ter-se-á sentido grato pela “matrícula no entusiasmo da primeira juventude”, lendo “páginas” de Pirandello¹³. Tornou-se novo e viável unir o teatro do teatro ao seu romance¹⁴ histórico e ficcional.

Nós, seres humanos simbólicos, vivemos numa “pluralidade de mundos”, desde o mundo imaginário dos deuses às mitologias. A arte e a ciência propiciam-nos a leitura e a escrita, por aproximações, progressivamente fundamentadas em factos (sociais) totais e em dados empíricos.

E interrogamo-nos mais: “mas como surgiu a ideia de infinito?”

Acredito que a realidade plural tenha tido origem no vestígio do texto de Epicuro (nascido, aproximadamente em 342 a.C.), dirigida ao remetente, um bom amigo, o discípulo historiador. A missiva incompleta, “Carta a Heródoto”, ensaiava a abordagem a *tudo*, ao inóspito absoluto. Nesse fragmento de Epicuro, num brusco movimento de génio, Platão (aproximadamente, 427 – 347 a.C.) fez emergir o *outro mundo* – a metáfora da caverna. E em *Fedro* o espírito/mente já faria parte da natureza, em que se digladiara ordem e caos, no contrastado diálogo de oponentes. Não tardariam outras extrapoladas representações, pensamentos ou ideias. Com Epicuro, enfim, ficava demarcada a exigência de base/fundamento, inclusive discutido o “vazio” (um nada, enquanto existimos).

Competências de síntese e abstração

Ao longo do desenvolvimento humano, aprendi a considerar o pensamento sincrético em criança “concreta” e, dessa forma didática, discrimina-se essa mescla de saberes, da análise e, no final dum estudo, coloca-se uma síntese.

No que prime pela escrita de síntese, Marco Lucchesi chega a remover símbolos concretos para nos colocar um legado imaterial e obra aberta. Quando “abstrair” signifique “remover”, parece recolocar a seguir alusões do “figurado” objeto ou espaço. Aos meus olhos, efetua uma rápida menção a alguém, a uma figura emancipadora histórica ou um alusivo acontecimento. Utiliza então entidades abstratas de um extenso subterrâneo orgânico de seres sociais-reais, no que se me coloca a procura dum manancial de informações. No que desconheço, alio a imaginação/fantasia de qualquer leitor.

Um pensador da envergadura de Lucchesi assume uma postura dialética, num arco de significações plausíveis e implícitos enigmáticos.

¹³ *Ibidem*, p. 25.

¹⁴ Li que Pirandello foi um homem de teatro, mais do que teria sido um grande escritor. No que cruzasse realidades vivificantes – eternidade, ilusões, história e ficção, temos a sua estranha personagem, num dado espaço e situação, onde *isso* se realize. Isso foi algo de hipotético, deixada a fenda entre “ser humano social” e “ser humano real”. A literatura de Lucchesi irá dizer-nos mais, por vários ângulos da faceta pública e privada e da palavra: diz do romance histórico, diz do que seja até fora da literatura e chega a acentuar o modo como o diz. *Pirandello* real seria um homem “duvidoso”. *Vida de Morávia*, pp. 268-269.

Li repetidas vezes *Hinos matemáticos*, nova via de calibração de limites, pedindo ajuda a matemático, dito que o pensador coloque a margem instável entre “formas e números”. Nas letras poéticas e nas matemáticas Lucchesi supera obstáculos entre fronteiras lógicas¹⁵.

Penso que uma “ordem explicada” ou “desdobrada” das coisas é lógica e integre abstrações. Quando as entendemos¹⁶, trocam-se com os nossos referenciais (a nossa pequena janela de observação, como que saída do telhado, uma metáfora de mansarda?).

A compreensão vem com a linguagem ainda assim sofisticada, com a ligação à intersubjetividade e diálogo¹⁷. Noutra ordem das coisas – a ordem implicada¹⁸ - é o contrastante de mundos, tantas vezes por aceder ou inacessível.

Julgo ter compreendido que o escritor possa ter consubstanciado o tema dialético amor-ódio. Em *Adeus Pirandello*, saliento a brecha entre missivas de um ideal amor-perfeito, do ser que é real - o dramaturgo algo duvidoso, subtil e enganoso.

Talvez seja Pirandello (1867 – 1936) o escritor italiano ainda mais conhecido no estrangeiro. Essa foi uma realidade social que é opinável. Na minha opinião, terá vivido o amor *vazio* da atriz Marta Abba, com quem trocou uma correspondência por cartas.

É possível que especialistas e críticos literários tenham muitos argumentos e contactos com o homem e a obra, para que em Pirandello “um pai não fosse verdadeiramente um pai” (ou um drama de origem, em *Sei personaggi in cerca d'autore*). Li-o em Alberto Morávia¹⁹. Quem diz “pai”, diz “profissional”, ou seja, pessoa com muitos papéis familiares e sociais. Os papéis colidem com a pessoa real. Pergunte-se: Abba é quem foge de Pirandello²⁰?

No capítulo *Ilusão*, lê-se o seguinte: “como se podem amar em camadas, vagas e oscilantes, dois corpos, que se afastam velozes, pequenos feixes de luz - intransitivos -, mais frios e impassíveis do que as estrelas fugidias?”²¹

Vivemos uma *desconfiança* ocidental de que nem sejamos “mestres do destino”²². Pirandello poderia escolher as suas personagens, apontando uma sociedade conservadora (o *oitocento*), em início de novo século.

¹⁵ Todos temos argumentações lógicas, analógicas e paralógicas. Na linguagem oral, aprendi a dividir as palavras em diálogos lógicos, tangenciais e a “salada de palavras”.

¹⁶ Bohm, David. *Wholenesse and implicate order*. London: Routledge, 1980.

¹⁷ Gadamer, Hans-Georg. *Truth and method* (2nd. revised ed.). New York: Crossroads, 1990.

¹⁸ *Wholenesse and implicate order*.

¹⁹ *Vida de Morávia*, p. 268.

²⁰ A fuga surge no modelo freudiano de “recalcamento”, entre outras interpretações.

²¹ *Adeus, Pirandello*, p. 29.

²² Hayek, Friedrich. *Studies in philosophy, politics and economics*. Chicago: University of Chicago Press, 1967, p. 93.

Lucchesi seleciona e discrimina, personalidades históricas e caracteriza as personagens ficcionais, no que seja dado ao leitor viver a ilusão duma faceta real (“alguém”), que é deveras subtil no *self* (“eu” mental e subjetivo).

A metáfora da mansarda: janelas cognitivas

No movimento de indefinidos ou infinitos olhares para alguém, a minha janela de observação – “mansarda” - veio a ampliar “sinais”, a partir de dentro e de fora da matriz do autor. Lucchesi, como poucos, alcançará a percepção ampliada a outras mansardas, ilimitadas extensões de saberes e fantasias. Com os seus ritmos de escrita, coloca-nos várias dimensões de análise da obra e até parâmetros complexos e perspectivas inexplicáveis.

No que vai além do estudo que prefixa, podemos analisar a raiz da palavra, o radical, o tema, o significado da palavra, a relação entre reinos.

Penso no reino abstrato, no designado de *suprarracional* – um *sobreconsciente*²³. Nesse universo total, nem se encontra o inconsciente, nem o consciente.

No Ocidente, herdámos um universo parcial. Dos gregos houve o inicial dissenso que se prolonga para a teoria dos números ou para uma leitura ampliada do genuíno caos. Nos primórdios dos tempos, a surpresa era desmedida com os irracionais²⁴ (transcendentes) - um efetivo caos na vida. Buscou-se ordem, regra e medida, “a” adequação. Nesse sentido, nem todas as vidas, no fundo, podem continuar a ser ditas de “erradas”, quando seja salientado “algum fragmento, ainda que misterioso de ordem”²⁵.

Em *A espiral e os sonhos de meninos*²⁶, Marco Lucchesi salientara as “janelas cognitivas” que se nos abrem, além da matemática. O escritor interessa-se pela “analogia do ser”²⁷, relação inversa da extensão²⁸ e da

²³ *Studies in philosophy, politics and economics*, p. 45: sobre da “primazia do abstrato”.

²⁴ Os números reais ou complexos são transcendentes se não forem algébricos, dito que não sejam raiz de nenhuma equação polinomial a coeficientes inteiros. Como não podem ser esses números escritos na forma de fração são irracionais.

²⁵ A expressão “algum fragmento, ainda que misterioso de ordem” é um modo de falar sobre a vida, por parte do escritor italiano Alberto Morávia. *Vida de Morávia*, pp. 342-343.

²⁶ Lucchesi, Marco. *Hinos matemáticos*, Rio de Janeiro: Dragão, 2015, p. 48. Na p. 23: “O imaginário {nuvem bosque pensamento} é o atalho cristalino da matemática”.

²⁷ *Hinos matemáticos*, p. 49: Deus e *outro* são enunciadas, na “busca [existencial]” e numa faceta “intelectual”, no que a função semelhante é colocada entre “ser” e entidade.

²⁸ Sobre essa relação inversa, se nos afastarmos do individual, alcançaremos dele menor compreensão.

compreensão e de uma série de outras decorrências no campo da cosmologia, da metafísica e da teologia”. Impõe-nos questões abstratas²⁹, algo cujo conhecimento nem é direto e concreto.

E quando o pensador diga que “o índice abstrato do humano supera o das personagens”³⁰? Dobro o olhar para o real, entre a contradição social e real. Logo, tenho a mansarda da psicologia e a “evidência” de campo social. Mas saberemos alguma vez da distância do humano aos seus “amores suspensos”³¹? No vivido subjetivo, há os amores “perdidos”³² e os amores “platônicos”³³, quando o enamoramento perdure em imaginação.

Todavia, no enamoramento e no amor, o que seja “universal” cristalizou demasiados dogmas e interdições, retrocessos e tabus.

Referenciais são como janelas de observação que herdámos, portanto, mas aprendemos e escolhemos uns ou outros. Albergamos crenças, modos de ver o mundo – ideias para “como o mundo funciona”. No amor, mas não só, são múltiplas as realidades pessoais-sociais, em que ideias mudam com um custo enorme para condutas “desviantes”.

Marco Lucchesi designou já de “fatia do real” à realidade³⁴. Apreendemos partes de “fatias”, quando olhemos duma janela como a da *minha casa*. Dali posso distinguir a realidade do real, na medida em que aquela seja sustentada na percepção subjetiva e fantasia criativa, havendo “mansardas” para o real, infinitamente mais amplas e abertas.

À fronteira permeável da realidade, como um referencial, teoria ou mapa concetual, designei de “mansarda”, mas poderá ser uma “caixa” que temos para o mundo, lugar circunscrito no qual opera um espaço fenomenológico-existencial em que fazamos interpolações sobre o “real”.

Por conseguinte, um referencial abrange padrões conhecidos, formações educativas, influências, teorias e modelos/paradigmas.

O que mais me surpreendeu ao ler *Adeus, Pirandello?*

Erro e engano-me, quando leio um fragmento de *nada* e logo passo a outro, sem refletir.

²⁹ Friedman, Maurice. *To deny our nothingness - contemporary images of man*. New York: Delacorte Press, 1967. Friedman, Maurice. *The hidden human image: A heartening answer to the dehumanizing threats of our age*. New York: Delacorte Press, 1974.

³⁰ *Adeus Pirandello*, p. 156.

³¹ *Idem*, p. 136.

³² *Ibidem*, p. 14.

³³ *Ibidem*, p. 50.

³⁴ *Ibidem*, p. 9: “Se houver chance de atingirmos uma fatia do que chamamos pretensamente de real”.

Do que li em Marco Lucchesi, primeiro, tive o ensejo para sair fora de mim. No inspirador revolver de temáticas inusuais, recriei personagens, mas não só. Abri a fronteira do existir a outros e, entretanto, voltei ao clássico método científico.

Para o efeito, ampliei umas “notas” do livro de sibilino valor, *Adeus Pirandello*: “Prefiro o lugar das erratas [à fatia do real]: novos ângulos, cruzamentos”. Numa das informações sucintas li um indecível “acerto” ou “erro” e pensei no contrastado ensaio e erro repetitivo e no cognitivo *insight* (intuição), na dúvida metódica, na hesitação e ambivalência que me tolhem.

Passei a interrogar-me sobre a morte de uma pessoa-personagem, Mário Guerra. Matar-se será uma decisão pessoal³⁵. Pode não ter vivido ou ido para outro lugar... Contrapõe-se ser e não ser. Morto é *não ser*, o “nada”. Em “o ser do ser”³⁶, outro tipo de ser é o não limitado e eterno.

Um nomeado por Marco Lucchesi, bem audaz e que foi “apresentador” do universal? Transcendeu o seu tempo, indo *contra o vento dum outro*, o eterno. Encontro *Ulisses*³⁷. Giordano Bruno³⁸, Fontenelle³⁹, Newton⁴⁰ ou Pirandello foram outros visionários em mundos diversos e sem rumo certo. Como escritores, serão “navegadores” por caminhos sem guia e sem antecipação. A filosofia nem terá igualmente um só trilho, em Lucchesi.

As suas erratas exigem a aprendizagem de sabermos “escutar”⁴¹ autores, factos históricos e documentados. Ao não deixar de ler as “erratas”⁴² do autor, acendi a “lanterna” (como na visão de Pirandello).

³⁵ *Ibidem*, p. 48, p. 88, p. 102.

³⁶ Marco Lucchesi, *Marina*. Santo André (SP): Rua do Sabão, 2023, p. 62: “PS.: ‘Potência de todas as potências, ato de todos os atos, vida de todas as vidas, alma de todas as almas, ser de todo o ser’”.

³⁷ *O dom do crime*. O narrador onnipresente, *Ulisses*, representa o *outro* que enfrentou perigos e riscos do mar, explorando o mundo de Homero.

³⁸ No final do século XVI, Bruno faria a viragem de pensamento que lhe custou a vida. O cientista voltaria a convocar a ideia de “pluralidade dos mundos habitados”, em *De l’infinito universo et Mondi*. Com ele, o universo seria infinito e sem centro. O “pluralismo cósmico” implicou que os planetas pudessem ter vida própria, sendo que estrelas fossem deles muito distantes e cercadas pelos seus exoplanetas.

³⁹ De Fontenelle, Bernard le Bovier. *Entretiens sur la pluralité des mondes*. Paris: Hermann, 2017. O dramaturgo, ainda em 1686, ter-se-á visto a braços entre insólitas conjeturas doutras paragens: “Eis um universo tão imenso que estou perdido nele. // Não sei mais onde estou. // Eu simplesmente não sou nada. // O nosso mundo é assustador na sua insignificância.”

⁴⁰ No caso de Newton (1642 – 1726/27), o seu génio terá feito avançar a ciência cerca de 200 anos. O isolado caminheiro fez o percurso infinito, para seguir um movimento retilíneo, homogéneo e uniforme. O mundo clássico permanecia, com Newton, formado de corpos a ocuparem posições bem definidas e únicas, sendo que tais corpos fossem maciços.

⁴¹ *Adeus, Pirandello*, p. 49, p. 69.

⁴² *Idem*, p. 49.

Por conseguinte, analisam-se detalhadamente dados científicos em domínios que vão de factos pontuados a factos totais⁴³ (como na visão de Marcel Mauss). Nem sabemos tudo⁴⁴, nem aprendemos sempre bem do muito que ficou desatualizado. No espanto, chegaremos a ficar “sem palavras”⁴⁵, quando conte mais a surpresa do que o conhecimento prévio.

E no estranhamento, atingi a “nota” sobre a possibilidade dos factos serem exatos⁴⁶, no que o rigor seja explicitado por Lucchesi.

Para a “errata”, o seu alerta iria para o erro cometido, no sentido de *mea culpa*, passada já por confissão e desejo de não mais pecar (por errar). Mas também “a errata perdeu o norte”... Quanto ficará por corrigir, perdidas as leituras de “notas” e “erratas”⁴⁷. Sem as correções e os ajustamentos intersubjetivos, poderemos persistir no erro e na defesa de absolutas verdades.

Atraem-me as contradições e subtextos. Gosto de descobrir cifradas mensagens nas “entrelinhas”, o que não elimina possíveis sombras e “névoas”⁴⁸. Nessa obra de viagem de Pirandello, o autor alude às desatadas “rudes tempestades”, decorrentes ou provocadas por “mágoa da distância”⁴⁹ entre pessoas em presença.

Nova incerteza: no “campo incerto de gravitação [amorosa]”⁵⁰, a questão da intimidade/proximidade afigura-se bem furtiva e “platónica”⁵¹. Tendo a passar aos meus referenciais e ao limite constatado certo: na teoria geral newtoniana, a atração emocional diminui pela distância dos corpos. Localizo o século XVII e Newton (1643 – 1727). O génio explicaria a causa determinista de movimentos, anteriormente fenómenos inexatos⁵² e avançou com a clássica lei da gravitação universal.

⁴³ *Ibidem*, p. 77.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 102.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 107.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 153.

⁴⁷ *Adeus, Pirandello* alude o seguinte: “a errata perdeu o norte” (p. 10); e a “ampliar o valor das notas” (p. 69).

⁴⁸ *Idem*, p. 16.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 135.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 134: Marta Abba, alguém no “ocaso indeciso ... povoada das almas penadas de Pirandello”.. Na p. 36: Pirandello é “satélite de e Marta, num campo incerto de gravitação”.

⁵¹ *Ibidem*, p. 50: o tocante amor, imutável e a eternidade, pejada de imagens de perfeição.

⁵² Há muito que se constatava no firmamento/céu que havia um movimento dos corpos celestes, numa trajetória eterna e circular. Ignorava-se, sem uma explicação exata, que os objetos caem, se forem soltos de uma certa altura, a partir do solo.

Enlaçados fundamentos científicos e históricos com ilusões e ficções, o grande escritor coloca até mesmo *tudo em tudo*, ao salientar a exigência de *dúvida metódica*⁵³ sobre mundos, mundos-mosaicos⁵⁴ indefinidos. Um mundo alternativo é ainda um *mundo possível*, mesmo raro, nos reinos de *boas* possibilidades. Infelizmente, em geral, não é o “caso”. Um *mundo possível* será “qualquer estado de coisas que poderia ser o caso”⁵⁵, quando sempre houve quem fosse revirar o *pré-mundo*. O “golpe” de genialidade? Franceses partiram da literatura: “fórmula de *tontons fringueurs*”⁵⁶. Indica o audacioso, o porte da pessoa que, num golpe de génio, vá contra o “meta-universo” e adiante o passo e a visão consensualizada do seu tempo.

O que surtiu efeito doutra representação ocidental de algo *fora duma caverna*?

Acima do (in)consciente: a primazia do abstrato

Sentimos o impacto da distância ao conhecimento tradicional ou clássico de ciências cognitivas. Todavia, no domínio cognitivo, o século XX abriu uma janela inovadora com o pensamento de um conservador economista, cuja inteligência foi brilhante na psicologia. Friedrich Hayek abordava vários campos de estudo e usava o “suprarracional” e a teoria da “primazia do abstrato”⁵⁷. A abstração, com localização cerebral dispersa, seria capaz de suplantar a riqueza da experiência e da sensação. Uma faceta “suprarracional” da mente vinha a qualificar, portanto, o significante reino de infinitas cognições e emoções. Nesse gerador duma “soma da distância”⁵⁸ enquadraria um “cânone cerebral” para o não concreto e inesperado e surpreendente.

Acresce que o que nos transcenda na *leitura* daquela época afasta-se da revalorizada “informação”. Donde ser urgente que o processo cognitivo-emocional de transferência de conhecimento da pessoa particular chegue em tempo a outras. Como leitores de Marco Lucchesi, podemos alcançar uma extensa informação e congratularmo-nos com a abertura à compreensão e ao significado e sentido.

⁵³ *Ibidem*, p. 102, na incerteza de Descartes, de Mário Guerra ou de Pirandello.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 78. Mosaico, no grego, foi “obra de musa”. Deixou a analogia a pessoa, personagem, astro ou cidade, quando precisemos duma nova ontologia (“que há ali”) e duma nova epistemologia (“como sabes “desvelar o mundo”).

⁵⁵ Hankinson, Jim. *O especialista instantâneo em filosofia*. Tradução de Desidério Murcho. Lisboa: Gradiva, 1996, p. 74.

⁵⁶ Um romance intitulado *Grisbi or not grisbi*, publicado em 1955, escrito por Albert Simonin. A comédia francesa, em 1963, teve o título *Les Tontons Flingueurs*, na realização de Georges Lautner.

⁵⁷ *Studies in philosophy, politics and economics*, 1967.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 36.

Acresce que, para o enfoque transdisciplinar, seja a dificuldade maior em relação a consensos, quando nem o alcancem outros antigos e isolados: o *evolucionismo* de Darwin⁵⁹, os “mundos paralelos” de Hugh Everett (1930-1982), a computação de Alan Turing (1912 — 1954) ou a epistemologia e os “três mundos” de Karl Popper.

Portanto, dominam as imagens humanas explícitas, mecânicas e computacionais. Descartadas essas matrizes, no pensador Lucchesi encontram-se imagens de segunda ordem – uma ordem do sensível e a regra *sobreconsciente*⁶⁰: duas facetas duma mesma moeda. Há o que se encontra além e acima da consciência. O *acima* do que determinam as “qualidades” sensoriais e as percepções externas implica nem sempre ser observado o roteiro inverso⁶¹.

Acresce dizer que entidades esquemáticas são letras maiúsculas e números. Nos irracionais⁶², a mente do escritor pode ter dado aquele salto cognitivo que escapa a toda a articulação lógica, racional e consciente. Para captar *isso*, Marco Lucchesi utiliza inúmeras mansardas.

Utilizarei outra metáfora visual, no que vi geometrizado para a perspectiva linear. O que se passou foi impor-se-me a sugestiva escultura da britânica Barbara Hepworth (1903 – 1975), com funções incógnitas e relacionados elementos radiais.



Escultura de Barbara Hepworth.

Fonte: <https://artblart.com/tag/barbara-hepworth-sculpture-with-colour-and-strings/>

⁵⁹ A seleção natural trouxe a inovadora ideia de que espécies descendem umas das outras, com comum antepassado.

⁶⁰ *Studies in philosophy, politics and economics*, p. 45: da “primazia do abstrato”.

⁶¹ Sempre se tende para o movimento contrário, quando seja dada primazia ao externo ao cérebro, alcançado por via sensorial e experiencial.

⁶² Um número irracional não pode ser expresso como uma função de dois outros.

Nessa abstração, encontro afinal o furo que desengancha, o que tem pontas enroscadas, irradiantes para fora, musicais e que chegam a criar tensão cá dentro. Da obra do pensador e historiador, deparo com totalidades em que as extremidades possam ficar atadas a ciciantes palavras, na “defesa da audição”⁶³. Será preciso observar, olhar e escutar atentamente.

Em síntese, na escuta atenta do belo e do sensível e da leitura da lúcida e poética obra de Marco Lucchesi, será que retirei os “ruídos que desaceleram”⁶⁴. Intentei criar outras relações nos “cruzamentos” de arte e ciência. Tive o intuito de imprimir velocidade às “erratas”⁶⁵, mas cheguei a parar. Refiz o texto, mostrando “novos ângulos” de leitura do rolar dos mundos do autor, que nos façam refletir e sentir.

⁶³ *Adeus, Pirandello*, p. 9.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 9.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 9.